

FLAMMA

N.º 912 / ANO XXII / 27 DE AGOSTO DE 1965 / 3.50

**AMADEU NOS ANJOS
O MATADOR
DIZ TUDO DE SI**

LEIA NESTE NÚMERO:

FILATELIA:

LAÇO DE FRATERNIDADE

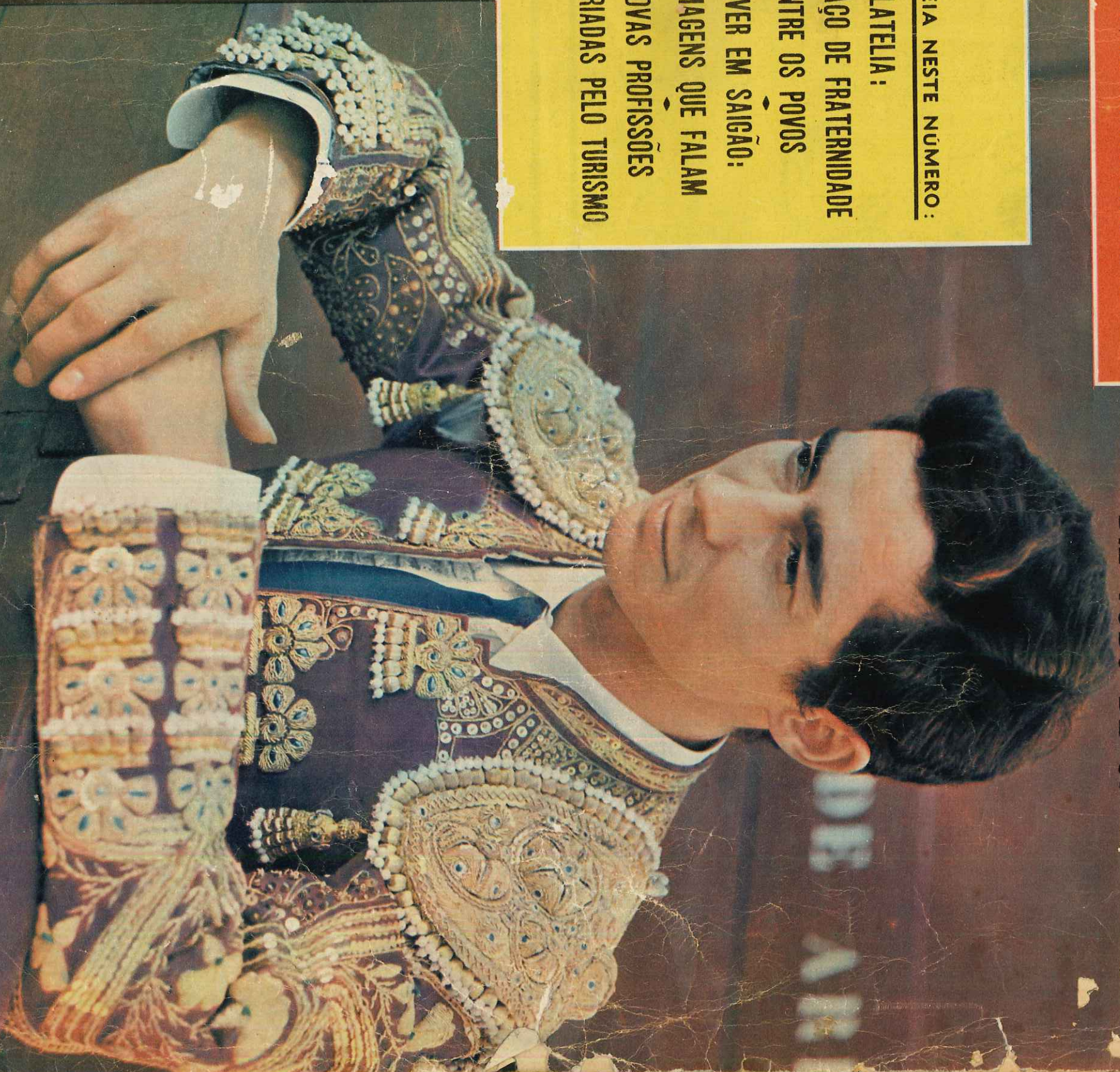
ENTRE OS POVOS

VIVER EM SAIGÃO:

IMAGENS QUE FALAM

NOVAS PROFISSÕES

CRIADAS PELO TURISMO



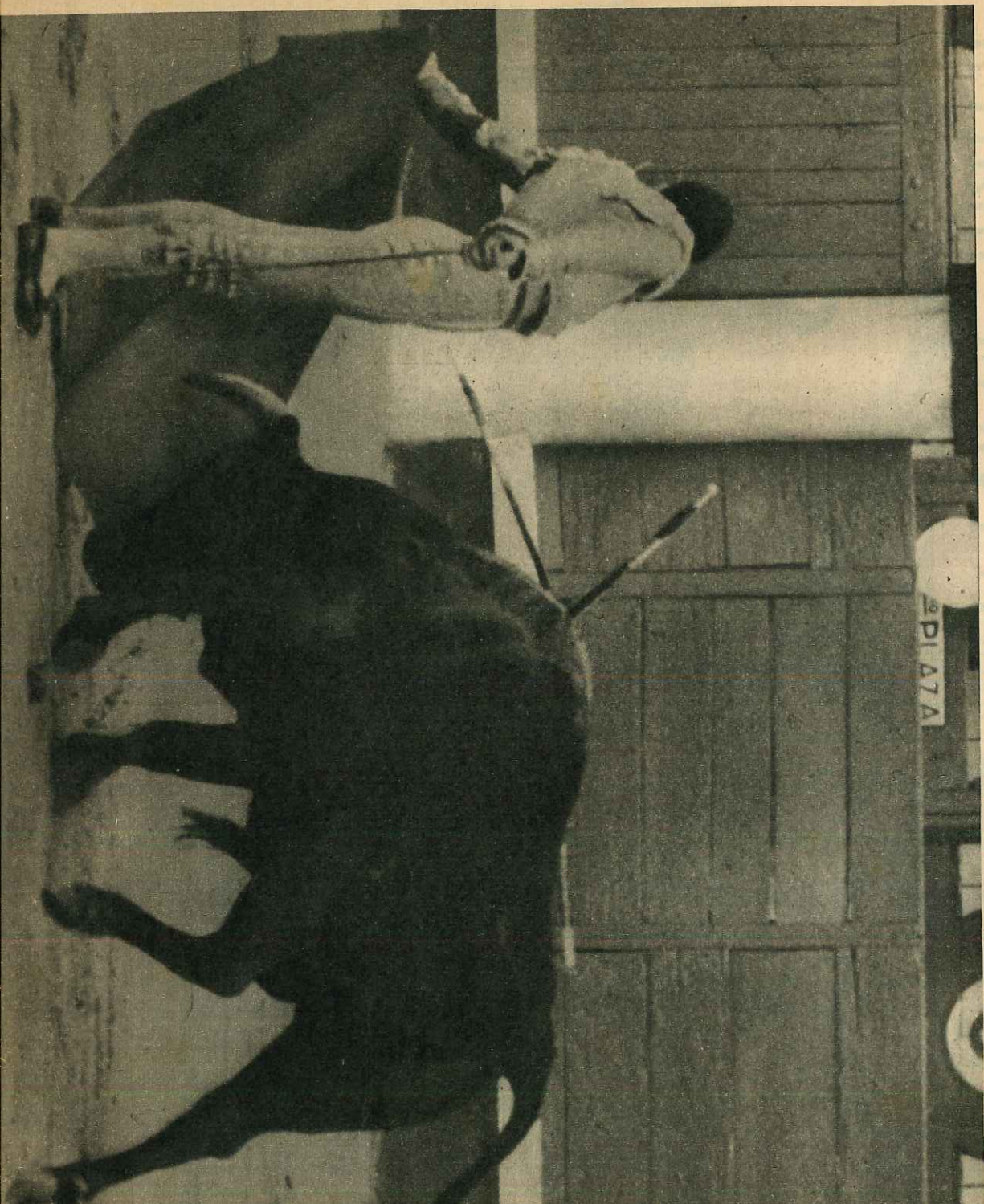
AMADEU DOS ANJOS:

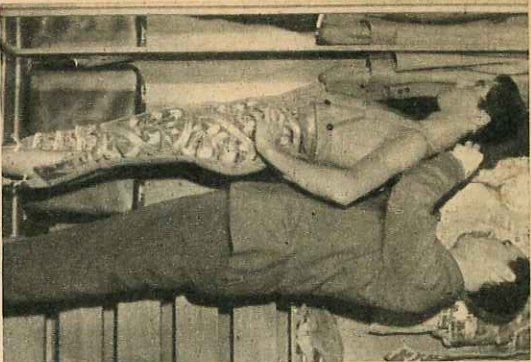
HISTÓRIA DO TRIUNFO

ENTREVISTA DE EDITE SOEIRO
FOTOS DE JOSÉ NUNES CORREIA

Magro. Esguio. Um metro e três de altura. Face rosa e sorriso ingênuo. O quase sonhador. Pouco anreveste os seus mínimos gmesa elegância que põe emreio suave, aveludado. Amos: o nome que lhe o naser lá para as Beiras hvinde e quatro anos. O tornou célebre. Nasceu no Lisboa tentou ser alguém passou para empregado de pastelaria. Foi novilheiro. ponderam ao seu primeiro profissional. Mas só em 5 seguiu o triunfo. A Espanha arena reservaram-lhe a g dos maiores: Ordóñez, «El Cordobés», Vitti. 1 mente. A Espanha, os toireservaram-lhe também Três colhidas graves. Braçpernas fracturadas. As cam-lhe o corpo e a cabeç os touros e a arena touxeza de ter vencido. Dera francos e simples em tod sociais. E agora que veic o menino-toureiro do Safat com Gary Cooper e Gératopo; o teatro e Humb o futebol mais o Hilário, Eusébio; os fados e Mand, Amália e «todos o Mansamente, sem alarde Para revelar que a sua o toureiro. A ele tudo sa desde o momento em que preparação.

Um extraordinário natural maior responsabilidade da did, onde já cortou 11





«A vida de toureiro exige uma vida particular sobra. O importante é permanecerem fixos no touro. Quando se não pensa, fora da praça, que se é toureiro, lá dentro não se encontra aquela insipiação que nos faz transmitir o público o que se sente».



«Sou modesto por natureza. Mas também não vejo razões para deixar de o ser. Por muito que se valha, por muito que se saiba, está-se sempre a aprender. Nunca se chega ao completo».



«Se não fosse toureiro gostava de ser aviador. Tenho o gosto da aventura, do arrojo, da emoção. Tive sempre confiança em mim. Nunca tive hesitações: andei sempre para a frente sem temer as consequências».



«Não, não escrevo para uma noiva. Ainda não encontrei o meu ideal de mulher: bondosa, honesta, dona de casa».

Falei com Amadeu dos Anjos exatamente dois dias antes de o ter visto tourrar pela primeira vez. A mesma forma delicada, subtil, aveludada de se exprimir, fui encontrá-la no seu toureiro: touro e toureiro desenhando como que um passo de ballet, belo, ritmado. Corpos roçando-se, capote abrindo-se, muleta cingindo-se para obrigar o animal a beijar a terra. Derrotado. Vencido. No toureiro deslizando que vi na arena não reconheci, porém, o rapazinho tímido com quem falara dias antes. A timidez desaparecera como que por encanto. Apenas lhe ficara no rosto, bailando travessamente, o mesmo sorriso: o sorriso de uma criança feliz... Como ele próprio afirmara.

— *Amadeu dos Anjos, o que sente você quando vai para a arena?*

— Uma alegria como não consigo em qualquer outro divertimento. Uma alegria como sente a criança quando lhe dão o que ela tanto deseja. Uma satisfação enorme que me torna o indivíduo mais feliz.

— *E em que pensa você nessa altura?*

— Que cada touro é um problema e que há que resolvê-lo bem, adequando-me às condições do animal. Estudo-o. Rapidamente. Meus só são 10 ou 15 minutos. Dele (da fera) é a minha vida. Do público o meu êxito. Não há probabilidades de falhar se se quer evitar o fracasso.

— *lá teve alguma vez a sensação do fracasso?*

— Várias vezes. Porque? Causas? Tantas. Basta apenas uma inaptidão para raciocinar por mais esforços que se façam. O toureiro tem de estar inteiro na arena.

— *Para se morrer inteiro também?*

— Não. Estou certo que nenhum toureiro pensa na morte nesse momento. Nem tão pouco a teme.

— *Você nunca teve medo frente ao touro?*

— Medo, sim. Mas não do touro. Medo de mim, de não poder fazer o que podia e o que devia.

As respostas para o encontro com o toureiro, de corpo inteiro, obtiveram eu, afinal dias antes. Exatamente quando ele se entusiasmava ao falar-me da sua arte e da sua infância. Do pai que não teve. Da mãe que era tecedora e que se via obrigada a trabalhar para sustentar um rapaz (ele) e quatro raparigas (as irmãs)...

— Passei dificuldades no Salfarido onde nasci em 13 de Março de 1941. As recordações da minha infância não são felizes. Levei uma meninice humilde. O que a minha mãe ganhava a tecer mal dava para as despesas da casa. Havia ainda o fruto do campo. A venda do vinho. Mas que era isso para as necessidades de uma família numerosa?

— *Foi por isso que você trocou o Salfarido por Lisboa?*

— Por isso e também porque não aproveitava nos estudos. Fui sempre muito rebelde. Na escola repetiam-se as brigas com os colegas. Nem todos achavam graça ao meu espírito irrequieto. Havia cabeças partidas. Castigos. Por outro lado eu era um mandado. Se na matemática conseguia ser o primeiro, para o resto revelava total negação. Feita a 4.ª classe e a admissão tornava-se necessário demandar melhor vida.

— *Lisboa era a tentação?*

— A tentação e uma hipótese sonhada. Afinal... Em Alcântara fui marçano. Pessoas de família davam-me um quarto e um lugar na sua mercearia. Mas a rapaziada lá do sítio metia-se comigo. Chamavam-me saloio. Imitavam-me a pronúncia. Roubavam-me o cabaz. Recomeçavam as brigas. Era melhor mudar de vida. O que eu ganhava nem sequer me dava para abandonar a ideia de ser «pendura» nos eléctricos. Mudei-me. De quarto e de emprego. Na Rua Augusta fui empregado de balcão. Ganhava 200\$000. Com as gorjetas chegava aos 650\$000. Pagava de pensão, ali na Rua Nogueira e Sousa, 450\$000.

Dos duzentos que me sobravam 100 iam para a Escola de touros, 50\$00 ficavam para as excursões e o resto para o que desse e visse. Nessa altura nem sequer tinha dinheiro para comprar um fato. E um fato era coisa indispensável para as vistas lá à aldeia. Queria aparecer à família como rico. Reunia uns cobres e comprava-o usado por 200\$000.

— *O que comprou com o primeiro ordenado a valer?*

— Um capote e uma muleta.

— *lá era toureiro ou ferrihalha-lhe a ideia no cérebro?*

— Eu já sonhava com o touro quando servia ao balcão. No meu grupo de amigos havia alguns que queriam ser toureiros. Arrastavam-me com eles. Eu achava que poder sentar o touro perto de nós era uma linda profissão. Na minha família não havia tradição tauromáquica, nem aficção. Nem sequer sabiam o que eram touros. Vacas, está bem de ver que sim. Eu também lidara com bois, mas nunca tinha visto um touro. Mas aqueles amigos (entre eles o Trincheira) levaram-me com eles. Mostraram-me a fera. E os domingos livres passaram a ser dedicados a Alges. Não tinha dinheiro. Mas mesmo assim inscrevi-me na tal Escola de toureiros. Diziam-me que tinha jeito, que denotava valor, que era uma esperança. Afinal...

— *Afinal, o quê?*

— Afinal fracassei. Depois de ter ganho vários troféus como novilheiro, de repente fracassei. Desmoralizei. Aborreci-me. Abandonei por completo o toureiro. Foi qualquer coisa de natureza psicológica. E difícil concretizar. Por outro lado eu tinha de trabalhar. Não tinha dinheiro. E o toureiro já me mostrara que não era um meio para o adquirir.

— *Foi por isso que preferiu Salamanca?*

— Não. Realmente quando parti para ali já não tinha contratos. Em-bora as provas por mim prestadas fossem boas, diziam-me um vadio, que não pensava em ser toureiro. Mas com vinte e cinco tostões no bolso alguém pode ser vadio? Desiludido.

voltei para a Guarda. Em boa hora. O irmão de Aparício e Paco Camino organizaram ali um festival tauromáquico. Convenceram-me a participar nele. Fui e agradei. Levaram-me para Salamanca. Estávamos em 1962, e eu cheio de ideias de emigrar para a Alemanha ou para o França. Não que trabalhar cá fosse uma desonra. Simplesmente eu não tinha habilitações suficientes para ter um emprego que correspondesse às exigências da vida que eu sonhava. Afinal, uma tourrada de aldeia decidiu o meu destino.

— *Porquê? Chegar a Salamanca foi ver e vencer?*

— Não. Comecei por um tentadero. Depois veio a primeira corrida em Logroño. Paguei-me 5.000 pesetas. Ao terceiro passe o touro colheu-me. Desmaiei. Enfermarias, sete pontos e arena negada. Julguei terminada a minha carreira. Mas afinal contrataram-me para ir a Burgos. Repeti em Logroño. Tourei nas novilhadas económicas, sem picadores. Fiz doze nesse ano. Em 1 de Julho estreiei-me com cavalos em Levesma. E a 10 do mesmo mês pisiei pela primeira vez a «Monumental» de Madrid. Cortei duas orelhas. Fiz mais sete tardes naquela praça. E corri mais 11 orelhas. A partir de então tudo se modificou na minha vida. A temporada seguinte foi magnífica: cinquenta e três corridas distribuídas por Espanha (40), França (12), Portugal (1).

— *Porque preferiu Salamanca para viver?*

— Por duas razões: Foi em Salamanca que tomei a minha alternativa tendo por padrinho Paco Camino e «El Cordobés» por testemunha. Depois, Salamanca está a hora e meia da minha terra natal. E a saudade está sempre com o português...

— *Então porque só agora volta a Portugal?*

— Realmente parece-me que eu não estava adequado para o meu país. O público não acreditava em mim. Os empresários muito menos, apesar dos triunfos que eu ia obtendo em Espanha. Os triunfos eram-me favoráveis. Mas tourrar em Portugal... Questões de dinheiro. Eu podia mais dinheiro

AMADEU DOS ANJOS



«A solidão é qualquer coisa de tremendamente horrroso. Depois do meu fracasso senti-lhe os efeitos... São contrastes: quando somos conhecidos queríamos passar despercebidos e quando nos esquecem sofremos».

mais dinheiro, pois, neste aspecto tenho alma de negociante.

— *Acha que tem influência o facto de você ser português e tourneur em Espanha?*

— É difícil responder a essa pergunta, sobretudo sabendo-se que em Espanha há uma grande rivalidade entre os andaluzes — «os curritos de espinhos e ferros para baixo» — e os tourneiros de Castilha. Talvez por isso eu não acredite em dificuldades.

— *Que passas gosta você de executar?*

— Os clássicos. O «natural», «derechazos», o de «peito». Mas sobretudo um de minha invenção que se baseia nos três e que reúne todo o classicismo no mesmo passe.

— *Não acha que o toureiro é uma arte bárbara?*

— Não. O touro sofre bastante menos que o toureiro. Ele nasceu para morrer, como morrem todos os seres. Simplesmente ele nasceu para morrer lutando. É um valente. Jáo valente como o toureiro. Além disso, o touro é dos animais mais inteligentes no que respeita à luta. Por isso mesmo é que ele só pode ser toureado uma vez. A segunda aprendeu mais que o toureiro.

— *Agora que toureia em Portugal depois de o ter feito em Espanha que sensação lhe deixa o facto de não matar touro?*

— Sinto que a lide fica incompleta. Matar o touro representa a vitória final. Não o fazer é como não comer fruta depois de um bom almoço.

— *Apreciador da boa mesa?*

— Sem dúvida. Adoro a culinária. Cozinho. Faço sempre uma espécie de campenatos quando estou em casa do meu amigo visconde Gazizgante. Temos uma «rivalidade» grande em matéria de cozinha. O meu prato preferido é o cozido à portuguesa — com todos: chispe, orella de porco, chourço. Em Espanha faço-o muitas vezes. A couve lombarda leva-a daqui, da Guarda. Mas o meu maior êxito é o arroz de pernil que eu faço muitas vezes. Aprendi a cozinhar quando trabalhava na mercearia e ganhava 36\$00. Depois aperfeiçoei-me. Agora faço-o por afecção.

— *Uma boa ajuda para a rapariga que o lêur...*

— Sim. Sou solteiro mas penso casar no dia em que encontrar a mulher que corresponda ao meu ideal. Ainda a não encontrei, mas a verdade é que também não tenho tido tempo, estou sempre ocupado.

— *Quer dizer que não se pode entregar a outras ocupações que não sejam tourear?*

— Não é tanto assim. É verdade que foi a falta de tempo que me impediu de continuar os estudos. Mas é verdade também que além de ir ao cinema, teatro e fado, leio muito. Hemingway: o escritor que se apaixonava por tudo quanto fosse popular e que vibrava nos ambientes do povo. Vejase os casos da guerra civil de Espanha e as lutas de Pamplona. Depois gosto de Ponceilla, divertido; Eça de Queirós. Mas para chamar o sono não há melhor que novelas policiais e «cow-boys».

— *O que pensa de si como toureiro?*

— Gosto de mim. Penso que se tal não acontecesse não poderia transmitir ao público a minha arte.

— *Realizado, portanto?*

— De modo algum. Como dizia António Ordóñez — o maior toureiro quanto a mim — em cada hora que passa aprende-se qualquer coisa de novo.

Comada gravíssima em Caltellon de la Plana, só consentindo que o conduzissem à enfermaria, depois de matar o touro; na sua mão a orelha tão brilhantemente conquistada.

— *Não sonha com uma grande quinta, com gado e muita gente?*

— Não. Tenho via de industrial. Comecei na indústria e quero acabar na indústria. Naquela que me der

— *Acha que está rico?*

— De modo algum. Em Salamanca vivo num apartamento pequeno. Apenas agora comecei a fazer uma casa no Salfadão para a minha mãe.

— *Não sonha com uma grande quinta, com gado e muita gente?*

— Não. Tenho via de industrial. Comecei na indústria e quero acabar na indústria. Naquela que me der

